

# Uma história global do livro e da leitura

*A global history of the book and reading*

VALLEJO, I. *O infinito num junco: a invenção do livro na Antiguidade e o nascer da sede de leitura*. Lisboa: Bertrand, 2020. 454 p.

**Margarida da Conceição Espiguiinha\***

---

Recebido em: 20/09/2022  
Aprovado em: 15/12/2022

Irene Vallejo, nascida em 1979, sentiu-se, de tal modo fascinada pela Antiguidade clássica, que começou a estudá-la, desde muito cedo, e veio a doutorar-se, em Filologia Clássica, nas Universidades de Saragoça e Florença. Além disso, no âmbito da educação, tem desenvolvido, sobretudo, ações de divulgação e reflexão, afirmando-se como uma promotora do conhecimento sobre o mundo clássico, os livros e a leitura. É uma investigadora que tem vindo a fazer da escrita a sua profissão, quer pela colaboração como colunista do *El País* e do *Heraldo de Aragón*, quer como ensaísta e ficcionista pelas obras já publicadas *El pasado te espera* (2010), *La luz sepultada* (2011), *El inventor de viajes* (2014), *La leyenda de las mareas mansas* (2015), *El sibido del arquero* (2015), *Alguién habló de nosotros* (2017).

No entanto, a obra com maior projeção tem sido, de facto, *El infinito en un junco: La invención de los libros en el mundo antiguo* (2019), vencedora, na categoria de não ficção, dos Prémios El Ojo Crítico de Narrativa, Las Librerías Recomendadas, Acción Cívica e Novela Histórica Hislibris, e, na categoria para melhor livro, do Prémio Búho. Traduzida em mais de trinta idiomas, conta, desde 2020, com a tradução portuguesa por Rita Custódio e Àlex Tarradellas.

No prólogo, a autora estabelece, desde logo, o seu objetivo e ponto de partida para o desenvolvimento da narrativa: dar continuidade à empresa dos “misteriosos grupos de

---

\* Investigadora (bolseira de doutoramento) FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, no Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta. Mestre em Estudos Portugueses – Especialidade em Literatura Tradicional e Oral (NOVA FCSH) e licenciada com ramo de formação educacional em Línguas e Literaturas Clássicas (FLUL). Foi professora de português, literatura portuguesa e latim, no Ensino Básico e Secundário (2009-2022).

homens”, “agentes” (VALLEJO, 2020, p. 13) ou “caçadores de livros” (VALLEJO, 2020, p. 19), a quem o rei Ptolomeu confiou esta missão.

Assim sendo, em dois grandes segmentos, “A Grécia imagina o futuro” (VALLEJO, 2020, p. 21-251) e “Os Caminhos de Roma” (VALLEJO, 2020, p. 253-298), é apresentada ao leitor uma visão global da Antiguidade Clássica, estabelecendo, sem fronteiras, aproximações à literatura, à arte e ao cinema contemporâneos, a partir de Alexandria, cidade fundada por Alexandre III, da Macedónia, em 331 a.C.. Mas o conhecido, como “caçador da imortalidade” (VALLEJO, 2020, p. 36), Alexandre Magno, tornou-se de tal forma carismático, que se converteu numa referência da cultura popular contemporânea, como, por exemplo, em Caetano Veloso, com “Alexandre”, no seu disco *Livro* ou até no tema *Alexander the Great*, da famosa banda britânica de *heavy metal* Iron Maiden (VALLEJO, 2020, p. 36).

Nos dias de hoje, a cidade, que resta apenas na “memória dos livros” (VALLEJO, 2020, p. 27) é, com efeito, desde o período helenístico, representativa do ideal da globalização, pela sua Biblioteca e Museu, erigidos por Ptolomeu II, não só por aí se reunirem as obras mais importantes da literatura grega, mas também por estarem incluídos livros de todos os temas e gêneros literários, de que são exemplo os duzentos mil volumes da Grande Biblioteca, oferecidos por Marco Antônio à sua amada Cleópatra (VALLEJO, 2020, p. 26). Muitos desses textos, como os poemas homéricos, conservados, no romanceiro grego, pelos bardos, que eram “livros de carne e osso, vivos e palpantes, impediram o esquecimento” (VALLEJO, 2020, p. 96), através da oralidade e da memória. A sua fixação, ocorrida em resultado da descoberta da utilização do junco do papiro, um suporte e um material de escrita pioneiro, muito frágil e de efémera durabilidade, devido à ação da humidade ou dos insetos, a par da invenção do alfabeto, foi um fenómeno, que veio a contribuir para um exponencial aumento da Biblioteca.

Um importante avanço foi dado, ainda que o processo de reinvenção do livro tenha causado a recriação ou extinção de muitas das versões orais, posteriormente, no caminho trilhado do pergaminho ao códice (século II d.C.), foram produzidos novos formatos, com materiais mais resistentes do que o rolo, até à imprensa, desenvolvida no século XV. E, daí ao século XXI, onde surge o e-book ou livro digital, veio a comprovar-se, claramente, que “[o] livro superou a prova do tempo, demonstrou ser um corredor de longas distâncias” (VALLEJO, 2020, p. 18) sem ter desaparecido. Com efeito, graças ao clima mais seco, em algumas zonas do Egito, dezenas de papiros foram encontrados, provavelmente, cópias de estudantes, que devem ter sido propriedade de colecionadores privados, vieram

atestar a produção escrita de comédias, obras filosóficas, estudos históricos, tratados de matemática e de música, manuais técnicos e até textos de autores para nós desconhecidos (VALLEJO, 2020, p. 202).

Logo, um contributo extremamente importante para a perpetuação de obras e autores foi, certamente, o processo de inventariação e catalogação feito por Calímaco de Cirene, considerado “o pai dos bibliotecários” (VALLEJO, 2020, p. 150), ao elaborar os *Pínakes*, o grande catálogo das obras da Biblioteca. De facto, o número foi desde sempre a chave da harmonia e um elemento regulador da dispersão, que veio permitir, aos Gregos, o seu pioneirismo nas listas, um tipo de organização propagada ao longo dos séculos, de que são exemplo o ensaio *Deipnosophistas*, do século II, onde consta a lista dos sete cozinheiros, à semelhança do que temos, atualmente, como guia *Michelin*, os dez mandamentos e as genealogias da Bíblia ou as seis propostas para o próximo milénio, de Italo Calvino (VALLEJO, 2020, p. 150; 161).

Decerto, a existência da escrita não aniquilou a importância da palavra, tanto que se conhecem, por exemplo os melhores discursos políticos e judiciais, como os dos dez oradores áticos, recriados no filme *A Sombra e o Silêncio* (1962), em que o protagonista, Atticus Finch faz uma brilhante defesa de um homem negro, na Alabama racista dos anos 30 do século XX, em plena Grande Depressão (VALLEJO, 2020, p. 205).

Ou, por outro lado, apontam-se, de entre os Gregos, os sofistas, como precursores do género conferência, viajando pelas cidades e divulgando o seu ensino e a sua retórica para captarem alunos, atividade que nos transporta até às modernas TED Talks e ao negócio dos ex-presidentes conferencistas (VALLEJO, 2020, p. 206).

Outro paralelo interessante reside na censura e na intenção de limitar os danos ou os efeitos negativos, que, na Antiguidade, estavam presentes nas conceções de Platão, na *República*, sobre a literatura e a música consumidas pelos jovens, da mesma maneira que hoje os encontramos nos princípios educativos defendidos pelos adultos do século XXI, propagadores da proteção dos menores, aterrorizados pelos valores das narrativas clássicas, como a *Cinderela*, a *Branca de Neve*, o *Soldadinho de Chumbo* ou *As Aventuras de Huckleberry Finn e Tom Sawyer*, de Mark Twain, retratadas satiricamente por James Finn, em *Histórias tradicionais politicamente corretas* (VALLEJO, 2020, p. 208).

Em Roma, pelo contrário, o processo de adaptação dos valores culturais dos povos conquistados foi um acontecimento tardio, tendo em conta que, durante o século V a.C., o seu período de formação, passou mais pela conquista e afirmação do território e do reino, com os episódios do fratricídio, rapto e a violação das Sabinas, bem como conflitos locais, porém isso não quer dizer que não tenha sido produzida uma exímia literatura latina. Na verdade, os romanos estavam ainda a descobrir o aparelho da globalização e a

essência do processo de aculturação: “o que adaptamos de outras partes também nos faz ser quem somos” (VALLEJO, 2020, p. 269).

Posto isto, somente, quando, no século IV a.C., a expansão romana começa a despertar a atenção dos gregos, sendo, por isso, em 240.C., durante a Primeira Guerra Púnica, se vem a encenar um drama, nos *Ludi Romani* (VALLEJO, 2020, p. 264). Mediante escravos, poetas, filósofos, pedagogos e copistas, oriundos dos territórios conquistados, sobretudo da Magna Grécia, a *pari passu* se vai construindo uma ideia de cultura ora aristocrática, ora popular.

Por um lado, encontram-se, por exemplo, Cícero e César, duas figuras de famílias aristocráticas, que escreveram em prosa sobre as áreas da história, a guerra, o direito, a agricultura ou a moral. Também, nas famílias da elite patrícia romana, as mulheres, fortemente criticadas por Juvenal, nas *Sátiras*, eram cultas e tinham o hábito de colecionar livros: *Caerelia* possuía uma biblioteca com obras de filosofia, Cornélia e Semprônia eram leitoras compulsivas e participaram ativamente na educação dos seus filhos (VALLEJO, 2020, p. 282; 283; 285).

Por outro lado, uma literatura de evasão e consumo teve imenso sucesso, que olhava para um público não aristocrático, inexperiente e que lia por prazer (VALLEJO, 2020, p. 325). São conhecidos escritos como tratados de cozinha e desporto, relatos eróticos com ilustrações explícitas, textos mágicos ou de interpretação dos sonhos, horóscopos, romances de enredo, histórias contadas em vinhetas, precursoras das novelas gráficas. Inclusivamente, autores como Ovídio<sup>1</sup> escreveram obras consideradas menores, como por exemplo, um livrinho, com conselhos de cosmética para mulheres, os *Medicamina faciei femineae*, que pode ser considerado um precursor dos tutoriais de maquiagem dos nossos dias. Ou até mesmo Suetónio, nas suas biografias de imperadores, mesclava a história e a crónica cor-de-rosa (VALLEJO, 2020, p. 325).

No epílogo, o ensaio termina com um brilhante elogio ao triunfo dos livros e da cultura, em geral, com os quais temos uma dívida incontestável: “Sem os livros, as melhores coisas do nosso mundo teriam caído no esquecimento” (VALLEJO, 2020, p. 325).

Por último, as notas com as fontes, distribuídas por capítulo, assim como a bibliografia e o índice onomástico dirigem-se ao leitor, de forma rigorosa, com a finalidade de conduzi-lo e estimulá-lo na leitura desta e de outras obras.

---

<sup>1</sup> Trata-se de um autor, nascido em Sulmona, que viveu durante o reinado dos imperadores Augusto e Tibério, destacando-se pelas suas obras maiores *Amores*, *Arte de Amar*, *Heroides*, *Fastos* e *Metamorfozes*. Não é bem conhecida a causa da sua expulsão de Roma, no entanto a tradição tem mencionado o seguinte: “[...] exile was the punishment for his subversively frivolous poetry. The last years of Augustus saw not only exiled writers but burning of books. Autocracy was on the increase” (RUTHERFORD, 2005, p. 5).

**Referências**

RUTHERFORD, R. B. *Classical literature: a concise history*. New Jersey: Blackwell Publishers, 2005.

VALLEJO, I. *O infinito num junco: a invenção do livro na Antiguidade e o nascer da sede de leitura*. Lisboa: Bertrand, 2020.